

SEXO É POLÍTICA

"Mas o senhor não pode* ser favorável à publicação de pornografia!" Quando você ouve alguém dizer *do not* em vez de *don't*, sabe que está ou no tribunal ou na televisão. Eu estava na televisão, sendo entrevistado por dois homens — ou pessoas, como se diz hoje em dia. Um deles era um conservador, representando a opinião decente de metade do país. O outro era um reacionário, representando a opinião decente de metade do país.

"Claro, sou a favor de que se publique..."

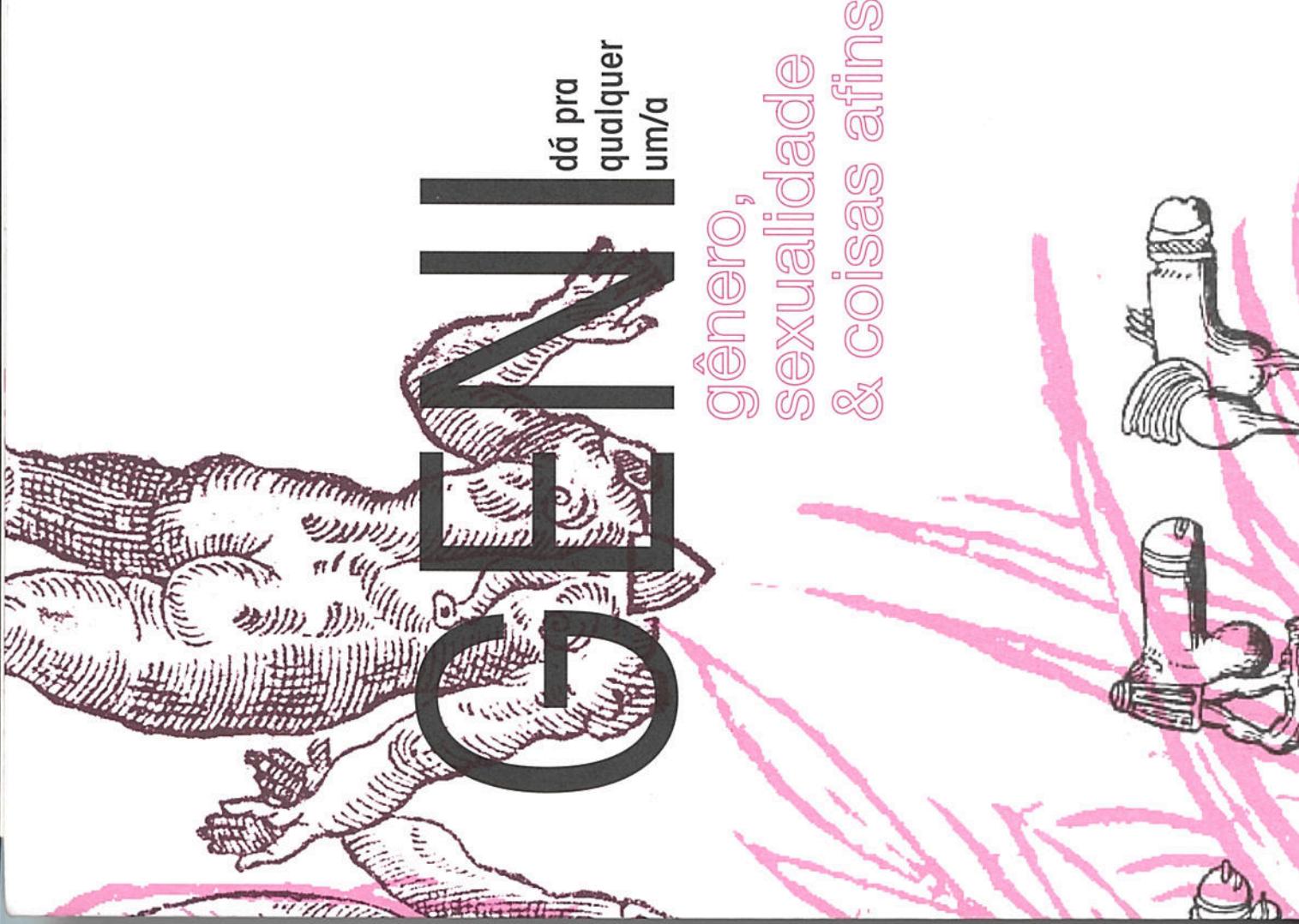
"O senhor é *a favor* da pornografia?" O reacionário estava afflit, estarrécido, enojado.

"Eu disse que sou a favor da *publicação* de pornografia..."

"Mas qual é a diferença? Quer dizer, entre ser a favor da publicação de pornografia e ser a favor da pornografia?"

O conservador estava confuso. "Se eu, pessoalmente, gosto de pornografia ou deixo de gostar, é uma coisa absolutamente sem importância." A televisão é um grande nivelador. Você sempre acaba falando como as pessoas que fazem as per-

(*) "You do not mean...", no original; a forma não abreviada da negação "*do not*", além de ser mais formal, pode dar à frase uma conotação pretensiosa. (N.T.)



guntas. "A liberdade de publicar *qualquer coisa* está garantida pela Primeira Emenda à Constituição. É lei. Se eu, você, ou qualquer outra pessoa, gosta do que é publicado é" — repetição a caminho. Eu estava cansado — "é, ahn... coisa sem importância. A Primeira Emenda garante-nos o direito de dizer, escrever e publicar o que quisermos..."

Antes que eu tivesse tempo de fazer as exceções de praxe em relação à calúnia, à divulgação de movimentos de tropas em tempos de guerra, e ao homem ou pessoa que grita fogo sem ser verdade num teatro apinhado (todos os absolutos são relativos debaixo do sol), o conservador atacou. "Mas", disse ele, de olhos brilhantes devido ao que parecia ser profunda emoção, mas que na realidade era colírio, "os fundadores dos Estados Unidos" — fez uma pausa reverente; olhou para mim com sinceridade; e percebeu, infelizmente, que eu estava de olhos fixos na borda de sua peruca (a metade dos homens que aparecem profissionalmente na televisão são carecas; por que será?). Nervosamente, tocou a testa com os dedos e continuou — "da América queriam liberdade de palavra apenas para... ahn... a política."

"Mas sexo é política", comecei... e terminei.

Fui alvo de dois olhares vazios de expressão. Seria a mesma coisa se eu tivesse dito que a heresia pelagiana nunca criaria raízes na parte sul do território Amish. Nem o conservador nem o racionalário jamais tinham ouvido dizer uma coisa daquelas antes, e eu sabia que nunca seria capaz de explicar-me em profundidade nos sete minutos que restavam de tempo no ar. Aquela peruquinha também estava me distraindo. Ajeitei-a mentalmente. Empurrei-a mais para trás na cabeça dele. Não gostei do resultado. Tentei um pouco mais para frente. Enquanto isso, falávamos de Questões Importantes. Eu disse que achava que não era uma boa idéia as pessoas importunarem as crianças. Era só dissimulação: meu herói secreto é o falecido rei Herodes.

Sexo é política.

Um ou dois anos se passaram desde esse encontro na televisão; quase diariamente fui lembrado do fato de que não só sexo é política como — direta e indiretamente — o sexo foi um tema de importância básica nas eleições deste ano. A Emenda dos Direitos Iguais, aborto, homossexualismo, são assuntos candentes que afetam não só o processo político como também a vida privada de milhões de pessoas.

As atitudes sexuais de qualquer sociedade são resultado de decisões políticas. Em certas sociedades militaristas (a Legião Sagrada de Tebas, o sistema espartano, de amiguinhos), as relações homossexuais foram estimuladas porque os pares de amantes dedicados supostamente lutariam com mais vigor do que recrutas relutantes. Nas sociedades onde é preciso obrigar grandes massas de pessoas a fazerem trabalhos que não desejam fazer (construir pirâmides, trabalhar na linha de montagem de Detroit), o casamento precoce é estimulado com base na sensata suposição de que se um homem casado é despedido, sua mulher e seus filhos também vão passar fome. Essa implacável realidade contribui para a docilidade.

Embora as noções que temos sobre o que constitui um comportamento sexual correto apóiem-se geralmente em textos religiosos, esses textos são invariavelmente interpretados pelos governantes com o objetivo de manter os governados sob controle. Qualquer atividade sexual, intelectual, recreativa ou política que possa diminuir a quantidade de carvão extraído de uma mina, o número de pirâmides construídas, a quantidade de comida de má qualidade produzida, será proscrita através de leis que, por sua vez, apóiam-se em revelações divinas passadas aos homens por qualquer deus ou deuses eventualmente vir àqueles que governam a sociedade, e não o oposto. Esse pensamento é absoluta novidade para a maior parte dos americanos, tenham eles sido banhados uma, duas, ou nenhuma vez no Sangue do Cordeiro.

Tradicionalmente, o judaico-cristianismo só sacramentou

o sexo quando praticado entre homens e mulheres unidos através de uma cerimônia religiosa de casamento. Os recém-casados recebiam a instrução de ter filhos, que, por sua vez, cresceriam e teriam mais filhos (o reverendo Malthus preocupava-se com essa pirâmide invertida), que continuariam servindo à sociedade como trabalhadores leais e consumidores conscientes.

Para o casal casado, a atividade sexual fora do matrimônio ainda é tabu. Embora a atividade sexual anterior ao casamento também seja tabu, é relativamente aceita se as duas pessoas envolvidas são real e verdadeiramente sérias, sinceras e maduras... em outras palavras, se estão preparadas para cumprir com seu dever de um dia se casarem para poderem apresentar novos trabalhadores-consumidores, em obediência à lei de Deus, que tende a espelhar com suspeita fidelidade o desejo dos donos da sociedade.

Por sorte, nada que é humano é constante. Hoje em dia os casamentos civis são mais numerosos do que os casamentos religiosos; o divórcio é uma coisa corriqueira; a prevenção da gravidez é universalmente praticada, enquanto o aborto é legal para quem tem dinheiro. Mas nossos governantes cederam terreno nessas questões sexual-sociais com grande relutância, e não é nenhum segredo que há uma boa dose de frustração nas salas de reunião do país.

Uma das razões é que os trabalhadores, hoje, são menos obedientes do que costumavam ser. Quando despedidos, podem se apoiar na previdência social — uma invenção do Domínio. Além disso, o fato de a maior parte dos trabalhos que os homens fazem as mulheres também podem fazer — e fazem — põe em perigo a velha ordem patriarcal. Uma mulher capaz de sustentar-se e de sustentar seu filho é uma ameaça ao casamento, e o casamento é a instituição central através da qual os proprietários do mundo controlam as pessoas que realizam o trabalho. O homossexualismo também representa uma ameaça a seu antigo domínio, porque homens que não têm mulher

nem filhos com os quais se preocupar não são facilmente domináveis quanto os que têm.

Em qualquer momento dado na vida de uma sociedade, há determinados botões "quentes" que um político pode apertar para obter uma resposta previsivelmente "quente". Há uma década, se você perguntasse ao presidente Nixon o que ele pretendia fazer com a questão do desemprego, provavelmente ele responderia "A maconha é apenas uma etapa para coisas piores". Falar contra o pecado é uma boa política — e não se preocupem com os *non sequiturs*. Na realidade, é positivamente não-americano — chega a ser comunista — discutir um problema real como o desemprego ou quem está roubando todo o dinheiro do Pentágono.

Para distrair o eleitorado, o político americano inescrupuloso tratará de perseguir os grupos que o Velho ou o Novo Testamento não vêem com bons olhos. Os descendentes de Ham são permanentemente malvistos pelos americanos brancos. Para azar do usuário do botão "quente", é considerado de mau gosto perseguir abertamente os negros. Mas sempre restam as expressões codificadas. Todo mundo sabe que "encostado na previdência social" quer dizer negro, assim como "lei e ordenem". A primeira porque a maioria das pessoas sustentadas pela segurança social são negros (na verdade, são brancos); a segunda porque existe a crença generalizada de que a maior parte dos crimes urbanos são cometidos por negros contra brancos (na realidade, são cometidos por negros desempregados contra outros negros). Mas os negros pobres não são as únicas vítimas. Muitos cristãos e alguns judeus não gostam muito de gente branca pobre, partindo do velho princípio puritano de se que você é bom, Deus irá enriquecê-lo. Essa é uma linda evangélico-cristã bem conhecida, recentemente alardeada pelo renascido milionário Walter Hoving. Ao se ver na situação de não ter 2 milhões e 400 mil dólares do total que necessitava para comprar as lojas Bonwit Teller, de Nova York, Mr. Hoving "abriu-se para o Senhor", que imediatamente apareceu

com o dinheiro. "Foi totalmente milagre." Agora sabemos por que os ricos estão sempre conosco. Deus gosta deles.

Os judeus são permanentemente malvistos pelos cristãos americanos porque são responsáveis para todo o sempre pelo assassinato de Jesus, não importa o que possam dizer aqueles idólatras católicos romanos, entupidos de vinho, no Segundo Concílio Vaticano. É verdade que agora, com a criação de Israel, os cristãos têm uma admiração relutante pelos judeus como opressores. Mesmo assim, na terra dos nascidos e re-nascidos, uma das questões de fé é que os meios de comunicação de massa nos Estados Unidos estão nas mãos dos judeus, e que o objetivo destes é liquidar com o povo de Deus. Conseqüentemente, "meios de comunicação de massa" é a expressão codificada deste ano para "abaixo os judeus", enquanto "Salvem as Nossas Crianças" significa "abaixo as bichas".

Mas política, como sexo, freqüentemente aceita estranhas alianças. Este ano os cristãos militantes estão lado a lado com os judeus militantes, apertando o tipo de botões quentes que imaginam que irão fortalecer o domínio do país através da solidificação da família. Aparentemente, a família só pode ser fortalecida se as mulheres não tiverem direitos iguais aos dos homens, nem no mercado de trabalho nem relativamente a seus próprios corpos (Não abortarás). É por isso que a derrota da Emenda dos Direitos Iguais à Constituição tem grande importância simbólica.

Os Salvadores da Família também desejam leis fortes, cujo objetivo ostensivo é restringir a pornografia, mas que na realidade objetivam recusar a liberdade da palavra àqueles de quem não gostam.

Pois bem: é impossível que uma classe governante mantenha seu poder se não dispor de botões quentes para apertar. Há alguns meses, a questão "Cessão do Canal do Panamá" parecia que ia ser um botão extremamente quente. Pensava-se que se, de alguma maneira, fosse possível fazer parecer que a hombridade americana estava em xeque no Panamá, haveria

uma chance de que uma espécie de botão sexual subliminar pudesse ser apertado, detonando por todo o país um rugido de ira masculina, especialmente por parte de senhoras em recepções de igreja: a hombridade americana nunca foi um privilégio exclusivo dos homens. Mas, no fim, a hombridade americana (que foi dobrada há tão pouco tempo pelo Vietcong) não se sentiu ameaçada pela perda parcial de um canal positivamente insípido, e assim o botão falhou.

A questão do imperialismo cubano também parecia apresentar uma temperatura promissora. Aparentemente, as invencíveis tropas de Castro estão em marcha, agora, de uma ponta da África a outra. Se a Somália cair, o Mali cai; se o Mali cair... Ningém dá a mínima. A África está muito distante, e Cuba é muito pequena e muito próxima para ser perigosa. Em desespero de causa, os proprietários da nação agora voltaram a apelar para os testados e comprovados botões quentes: salvem do inimigo sem Deus nossas crianças, nossos fetos, nossos banheiros femininos. Como de hábito, os botões do sexo mostraram-se satisfatoriamente quentes.

Mas o que os americanos realmente pensam sobre sexo quando não há ninguém apertando um botão? Recentemente, a revista *Time* fez uma pesquisa com um grupo representativo do populacho. Nada surpreendente no fato de 61% das pessoas acharem que "está ficando cada vez mais difícil saber o que é certo e o que é errado". Os mais confusos eram os de mais de 50 anos e os de menos de 25. Ao mesmo tempo, 76% disseram que era "moralmente errado" que um homem casado traísse a mulher, enquanto 79% achavam errado uma mulher enganar o marido.

Relações sexuais entre adolescentes foram condenadas por 63%, enquanto 34% achavam que o jovem deveria ser virgem na noite, ou tarde, de núpcias. Não obstante, o que as pessoas consideram moralmente condenável não parece ter grande efeito sobre o que realmente fazem: 55% das mulheres solteiras e 85% dos homens solteiros admitiram ter praticado o sexo an-

tes dos 19 anos de idade... sem dúvida enquanto deploravam, juntos, a imoralidade na adolescência. Frívulos 52% acham que *não* é moralmente errado que um casal não-casado viva junto.

As relações homossexuais foram consideradas moralmente erradas por 47% das pessoas; 43% achavam que tudo bem; 10% não sabiam. Mesmo assim, 56% "votariam a favor de uma legislação que garantisse os direitos civis dos homossexuais". Mesmo que uma indiscutível maioria estivesse a favor de que os homossexuais tivessem o direito de servir o Exército, concorrer a postos eletivos, viver onde bem entendessem, Anita Bryant fez suficientemente bem seu serviço para negar-lhes o direito de lecionar em colégios (48% contra, 44% a favor) e de ser ministros (47% contra, 44% a favor).

A pornografia continua sendo o botão mais quente de todos: 74% querem que o governo reprima os pornôs. Enquanto isso, 76% acham que o velho demônio da permissividade "provocou muitas coisas que atualmente estão erradas no país".

Finalmente, 70% achavam que "não deveria haver leis, nem federais nem estaduais, regulamentando a prática sexual". Ou bem se interpreta isso como uma notável demonização de viva e deixe viver (atitude que a atual Suprema Corte sabidamente não compartilha) ou isso possivelmente não passa da sabedoria cínica de nosso povo, que sabe, por experiência, que *qualquer* área em que o governo mete a mão ficará irremediavelmente bagunçada.

Apesar da tolerância dos 70%, cerca de 20 a 40% da população é de absolutistas morais, de acordo com *American Sexual Standards* (Modelos Sexuais Americanos), do Kinsey Institute, a ser publicado brevemente. Esses zelotes condenam fervorosamente a promiscuidade, o adultério, o homossexualismo, a masturbação, o cabelo comprido e o fluoreto. No remoto interior do país (e em cidades como St. Paul e Wichita), são eles que reagem mais prontamente ao político que aperta um botão

de sexo para... o quê? Criar uma sociedade autoritária? Manter os trabalhadores conformados dentro dos limites do imutável casamento? Punir o pecado? Ganhar dinheiro? Dinheiro! Há muito dinheiro por lá, no circuito cristão evangélico — e boa parte desse dinheiro é isento de impostos.

No outono de 1977, o jornalista Andrew Kopkind visitou Bensenville, Illinois, no âmago do país, para estudar as raízes de uma planta que, além de já ter chegado à altura do olho do elefante, está indubitavelmente adernando para a direita. *Salyem a Família* é a palavra de ordem deste ano. Como é muito difícil que alguém chegue a questionar abertamente o valor da família nas questões humanas, qualquer grupo que deseje salvar essa instituição supostamente ameaçada recebe apoio entusiástico.

Mas para os zelotes daquilo que Kopkind chama de Nova Direita, salvar a família significa todo tipo de coisas não exatamente relacionadas com a família nuclear. Kopkind descobriu que os Salvadores da Família apóiam "a pena de morte, Letril, a energia nuclear, polícia local, o canal do Panamá, sarcina, o FBI, a CIA, orçamento para a Defesa, orações públicas e crescimento do mercado imobiliário".

Os Salvadores da Família vêm com maus olhos "transportes de alunos por ônibus, assistência social, sindicatos de servidores públicos, ação afirmativa contra a discriminação racial nos empregos, anistia, maconha, comunas, controle de armas, pornografia, limite de velocidade de 88 quilômetros por hora, creches, ecumenismo religioso, educação sexual, pools de automóveis e a Secretaria de Proteção ao Meio Ambiente". Kopkind acredita que essas atitudes são razoavelmente espontâneas. É provável que ele tenha razão — até certo ponto. Continuar que os americanos votem constantemente contra seus próprios interesses, porém, exige manipulação do mais alto nível, uma manipulação que, nestes Estados notavelmente Unidos, começa no berço e nunca mais acaba.

Até há pouco tempo não tinha ocorrido a ningüém que um

movimento a favor da família pudesse ser politicamente atracente. Nossos demagogos em geral concentram-se no comunismo *versus* americanismo. Mas os passeios de Nixon a Pequim e Moscou abalaram o comunismo enquanto assunto. Essas viagens também serviram para lembrar aos americanos que somos uma minoria frágil num mundo onde a maioria é marxista. Embora o comunismo continue sendo um bofão que pode ser apertado, é um assunto que apresenta uma tendência à morridão.

Por outro lado, acusar o adversário de ser a favor de qualquer dessas forças pecaminosas que ameaçam a família é prejudicá-lo efetivamente. Nos últimos dezoito meses, os Salvadores da Família foram fantasticamente eficientes. Derrotaram decretos de direitos iguais para homossexuais em Dade County, St. Paul, Wichita, Eugene; obrigaram a Câmara de Representantes a voltar atrás num projeto de lei antiaborto; bloquearam (durante algum tempo) a Emenda dos Direitos Iguais, e assim por diante. Sexo é o cerne da política, e em breve, de uma maneira ou de outra, cada político irá — por assim dizer — meter as mãos no ato.

Oficialmente, nossas atitudes em relação a sexo têm origem no Antigo e no Novo Testamentos. Mesmo hoje em dia os fundamentalistas cristãos gostam de dizer que como cada uma das palavras do livro bom é absolutamente verdadeira, cada uma das injunções divinas deve ser absolutamente obedecida se não quisermos que as imensas planícies da nação fiquem juncadas de colunas de sal — ou pior. Na realidade, até o fundamentalista mais rigorosamente literal seleciona os textos da Bíblia que lhe convêm. Os autores do Levítico proíbem o homossexualismo — e assim fazem todos os bons cristãos. Mas o Levítico também proíbe carne crua, bacon, músculos e o uso de náilon misturado com lã. Se o Levítico fosse ser obedecido em cada tópico, o comércio do vestuário entraria em colapso. Os autores do Antigo e do Novo Testamentos criaram não só uma antologia religiosa, como também uma ordem política

segundo a qual o homem é o eterno senhor da mulher (os homens judeus costumavam orar: "Te agradeço, Senhor, porque não me criaste mulher"). O ódio e o medo em relação às mulheres que percorrem o Antigo Testamento (para não mencionar as páginas de nossos justamente admirados romancistas judeus) sugerem que o princípio patriarcal tão cuidadosamente incutido na noção de Deus dos judeus deve ter-se oposto em algum momento a um poderoso — e talvez competitivo — sistema matriarcal. Sejam quais forem as razões primitivas para a absoluta subordinação da mulher ao homem, o resultado foi uma religião extraordinariamente feia, que já causou uma boa dose de sofrimento não apenas em sua forma original, mas também através de sua heresia posterior, o cristianismo, que a seu devido — e irônico — tempo haveria de tecer mais uma heresia: o comunismo.

A onda atual de religiosidade cristã que se está espalhando como uma mancha de óleo por todo o país serviu para lembrar às mulheres que elas devem obedecer a seus maridos. Isso não é fácil, como admite a duas vezes nascida Anita Bryant. Ela confessou que tem uma tendência a "despejar seu lixo" por cima do marido, senhor e empregado, Bob Green. Mas ela precisa se controlar: "porque o marido é cabeça da mulher, como Cristo é cabeça da Igreja" (Efésios 5:23). Anita também sabe que devido à desobediência da mulher, os protótipos da raça humana foram excluídos do Jardim do Paraíso.

Ao analisar a versão do Antigo Testamento pelas mulheres, Freud conjecturou que uma tribo patriarcal original fora durante algum tempo substituída por uma tribo matriarcal, depois derrubada pelos judeus patriarcas: o consequente "reestabelecimento do pai primal em seus direitos históricos foi um grande passo para a frente". Esse absurdo especulativo é altamente esclarecedor da maneira como uma inteligência tão arguta e original quanto a de Freud era incapaz de conceber uma sociedade boa (virtuosa?) que não fosse dominada pelo homem, o pai.

"O que as mulheres querem?", perguntou Freud certa vez, em tom queixoso. Bom, Sigmund, querem igualdade com os homens. Mas essa igualdade não era aceitável nem para os autores do Antigo Testamento nem para o próprio Freud. Hoje, quase três mil anos depois que Moisés desceu do Sinai, as mulheres estão chegando perto de terem igualdade com os homens nos Estados Unidos. Mas a guerra contra a igualdade da mulher continua; no momento, está sendo travada em nome da Família.

O Cristo do Novo Testamento é um personagem um pouco mais suave do que o Jeová do Antigo Testamento. Mesmo assim, um é perfeitamente filho do outro, e assim, supostamente, nada de básico deveria mudar nas relações entre os sexos. Na realidade, em certo momento, Jesus demonstra uma irritação positivamente portneyesca com a tradicional mãe judia. "Mullher", diz ele a Maria, "o que és para mim?" A resposta de Maria, certamente alentada, não foi registrada.

Enquanto judeu, Jesus levava os Dez Mandamentos a sério. Mas embaralhou completamente toda a questão do adultério quando disse que até mesmo sentir um desejo estilo Carter por uma mulher equivale a cometer adultério. Jesus também teria dito, conforme ficou registrado, que as prostitutas tinham tanta chance de entrar no paraíso quanto homens do IR. Talvez ele estivesse querendo fazer uma brincadeira. Se for isso, é a única brincadeira do Novo Testamento.

A uma adúltera, Jesus disse: "Nem eu te condeno", antes de sugerir que ela parasse de ficar fazendo besteira por aí. Jesus não tinha nada a dizer sobre o homossexualismo, a masturbação ou a Emenda dos Direitos Iguais; mas os eunucos ele achava o máximo (Mateus 19:10-12). Finalmente, Jesus achava que o mundo ia acabar logo. "Digo-vos na verdade que estão aqui alguns presentes que não morrerão sem que vejam o reino de Deus" (Lucas 9:27). Até onde é possível saber, o mundo não acabou no século I d.C. e todos os que lá estavam presentes morreram sem ter visto o reino.

Alguns anos mais tarde, São Paulo teve sua visão na estrada para Damasco. "Todos os homens, tanto judeus como gentios, são pecadores" (como é, mesmo, aquele verbo que faz tanto sucesso?), esbravejou ele. Como Paulo também estava convencido de que o mundo ia acabar pouco depois, achava que o homem devia manter-se ritualmente puro para o dia do julgamento, e a pureza ritual exigia total abstinência de sexo. Para os que eram incapazes de permanecer heróicamente casados ("permanecerem assim, como também eu"), Paulo acedeu, um tanto a contragosto, que "é melhor casar-se, do que abraçar-se" — abrasar-se de desejo, diga-se de passagem, e não no fogo do inferno, como alguns cristãos primitivos gostam de interpretar esse trecho.

Paulo também aconselhava aos homens casados que vivessem com suas mulheres "como se não as tivessem... porque a figura deste mundo passa". Embora a figura deste mundo não tenha passado, o horror de Paulo pela sexualidade tampouco se desvaneceu. Como resultado, qualquer pessoa que tenha sido educada em uma sociedade onde predominava o cristianismo aprenderá desde o nascimento a considerar seus desejos sexuais naturais como pecaminosos, ou pior.

Um estado de culpa permanente na cidadania é uma boa coisa para os governantes, que tendem a não ver com muita seriedade as religiões que impõem a seus governados. Como o casamento era a única saída admissível para o impulso sexual, essa instituição foi utilizada como um meio para canalizar o impulso sexual num sentido que tornaria o homem dócil, enquanto a mulher, humanamente falando, existia apenas como o depositório do sagrado esperma (visto como uma manifestação do Espírito Santo).

À mulher ordenou-se que servisse e obedecesse ao marido tão completamente quanto ele, por sua vez, servia e obedecia a seu mestre temporal, citador da Bíblia. Se alguém tivesse dedicado à missão de inventar uma religião que fosse capaz de do-

minar eficientemente uma população, teria sido impossível criar algo que fosse muito melhor do que o judaico-cristianismo.

É bastante curioso que Paulo seja o único figurão tanto do Antigo como do Novo Testamento a condenar o lesbianismo, atividade que a rainha Vítória não acreditava que existisse e que Jesus ignorou. Mas Paulo estava mais bem informado. Ora, até mesmo enquanto ele falava, as senhoras romanas abrasavam-se “em seu desejo uma pela outra...!”. Toda vez que Paulo entra no assunto do desejo abrasador, apresenta todos os sintomas de enxaqueca aguda.

Agora, qual é, afinal, o objetivo de tanto disparate? Por que condenar os desejos sexuais naturais em nome da religião? Paulo teria respondido que como o dia do julgamento final estava previsto para o início do ano seguinte, era preciso que as pessoas se mantivessem ritualmente limpas, e a limpeza ritual entre os judeus incluía não só a abstinência sexual como a não-ingestão de moluscos. Mas o ódio de Paulo pela carne é uma coisa difícil de entender à luz da atitude positivamente relaxada de Jesus. Por outro lado, a aversão de Paulo pelo homossexualismo é um pouco mais fácil de entender (embora nunca tenha sido convenientemente entendida pelos cristãos americanos). É uma atitude que deriva do livro Levítico, do Antigo Testamento, o assim chamado Código da Santidade.

As relações homossexuais entre heróis eram freqüentemente celebradas na antiguidade. O mais antigo texto religioso fala do amor entre dois homens, Gilgamesh e Enkidu. Quando Enkidu morreu, Gilgamesh desafiou a própria morte para trazer seu amante de volta à vida. Na *Iliada*, a ira de Gilgamesh é acompanhada pela de Aquiles quando seu amante Pátroclô morre diante das muralhas de Tróia. Tão intenso era o amor entre os heróis Davi e Jônatas que Davi anotou em seu obituário de Jônatas: “o mais gentil e mais amável que o amor das mulheres”. Em outro ponto do Antigo Testamento, o amor que Rute sentia por Noemi era do tipo que hoje poderia muito bem acabar na propriedade conjunta de um forno de cerâmica em

Laguna Beach. Por que, então todo esse estardalhaço com o homossexualismo no Levítico?

O Levítico foi escrito durante ou pouco depois do exílio dos judeus na Babilônia (586-538 a.C.). O exílio acabou quando o Grande Rei Ciro da Pérsia conquistou a Babilônia. Tolerante com todas as religiões, Ciro permitiu que os judeus voltassem para Jerusalém, onde começaram a reconstruir o templo que fora destruído em 586. Como se acreditava que os desastres de 586 poderiam ter sido evitados se os judeus tivessem sido um pouco mais austeros em seu comportamento, o Levítico foi esboçado. Continha uma lista muito estrita do que se pode e do que não se pode fazer. O adultério, que fora proibido por Moisés, agora não só era proibido, como as adulteras deveriam ser mortas, enquanto advertia os homens: “Não te aproximarás dum homem como se fosse mulher, porque é uma abominação” punida com a morte.

Por que tudo isso? Em tempos anteriores, Jônatas e Davi foram muito admirados. Seria o celebrado amor que nutriam um pelo outro uma abominação? É óbvio que não. A solução do mistério está na palavra abominação, que deriva da palavra hebreia *to'ebah*, que significa idólatra. Na época do Levítico (e por muito tempo antes), a Grande Deusa era adorada em todo o Oriente Médio. Ela tinha muitos nomes: Cibele, Astarte, Diana, Anahita. Como os judeus achavam que a Grande Deusa competia diretamente com seu Grande Deus, denunciaram seus adoradores como idólatras, ou *to'ebah*, ou abomináveis; e criticavam especialmente o sexo ritual associado à adoração da Grande Deusa. Muitos dos admiradores de Cibele castravam-se para glorificá-la, enquanto prostitutas e prostitutas se acotovelavam no recinto do templo, prontos para agir.

Na Babilônia, toda mulher de respeito era obrigada a ir pelo menos uma vez na vida ao templo e prostituir-se ao primeiro peregrino que quisesse pagar por ela. De acordo com Heródoto, as mulheres pouco favorecidas eram obrigadas a passar um tempo enorme no templo, tentando conquistar

aquele freguês relutante que as tornaria abençoadas aos olhos da deusa.

Não há dúvida de que muitos judeus na Babilônia sentiram-se atraídos, se não pela adoração à deusa, pelos jogos sexuais que se realizavam no interior dos seus templos. Por isso, os autores do Levítico deixaram bem claro que todo judeu que fosse com um prostituto ou uma prostituta do templo era culpado de um ato idólatra ou abominável aos olhos do Grande Deus Jeová — um deus reconhecidamente ciumento, como ele próprio admitiu. O resultado foi que as abominações do Levítico não se referem tanto aos atos sexuais enquanto tais, mas aos atos sexuais associados ao culto da Grande Deusa.

Em outra parte do Antigo Testamento, Sodoma foi destruída não porque seus habitantes fossem homossexuais, mas porque alguns homens da localidade queriam violentar em grupo uma dupla de anjos do sexo masculino que eram hóspedes da cidade. Essa era uma violação do mais sagrado dos antigos tabus: a lei da hospitalidade. Além disso, violação em grupo, tanto homossexual como heterossexual, é raramente agradável aos olhos de qualquer deidade.

Os seres humanos levam muito tempo para crescer. Esse fato significa que a tribo ou família ou comunidade é obrigada a proteger e a treinar os jovens nas atividades que serão necessárias para que ele possa atingir a maturidade física, cujo único propósito parece ser a transmissão para uma nova geração do sagrado código DNA. A natureza da vida é mais vida. Isso não é muito inspirador, mas é tudo o que sabemos com certeza que temos. Conseqüentemente, nossos líderes religioso-políticos sempre glorificaram a tribo ou a família ou o Estado, às expensas do indivíduo. Mas as sociedades mudam, e quando isso acontece, as leis supostamente eternas ficam superadas. A terra plana acaba virando uma esfera. A sabedoria do ano passado é a insensatez deste ano.

Num mundo superpopuloso, a injunção bíblica "cresce e multiplicai-vos" é cada vez menos atendida. Graças ao au-

mento da automação e à procriação descontrolada, todas as sociedades industriais do mundo, hoje em dia, têm mais trabalhadores do que precisam. Enquanto isso, a moradia tornou-se tão cara que já não é possível que três gerações de uma mesma família vivam numa mesma casa, ideal de quase todos os cristãos e judeus ortodoxos. Hoje a família nuclear consiste em um menino para você e uma menina para mim, vivendo em uma vila de casas populares... dificilmente o quadro ideal para filhos ou para pais.

A esta altura, seria razoável desenvolver um conjunto diferente de medidas para a raça humana. Certamente, menos famílias significaria menos crianças, o que é uma boa coisa. Os que têm dom para a paternidade (uma minoria infinitamente menor do que se apregoava) deveriam ser encorajados a ter filhos. Os que não têm dom deveriam ser desencorajados. As pessoas continuariam a viver aos pares se isso lhes agradasse, mas a pressão social para a produção de bebês deveria ser interrompida.

Infelizmente, o impulso de nossa sociedade ainda é judaico-cristão. Como resultado, o homem americano solteiro e a mulher que trabalha são cidadãos de segunda classe. Os rendimentos médios de um homem solteiro são de 11.069 dólares ao ano, enquanto seu irmão casado ganha 14.268 dólares, e sua irmã que trabalha, 9.231 dólares. Isso é uma discriminação calculada. Claramente, é melhor casar do que ser mal pago.

Depois da reforma dos impostos, a questão política central deste ano é Salvem a Família. Como seria de se esperar, os cristãos andam atrás das feministas e das bichas, duas minorias que aparentemente ameaçam a família. Como não seria tanto de se esperar, um certo número de judeus está se unindo a esses cristãos. É esquisito, para dizer pouco. Tradicionalmente, os judeus têm uma tendência a assumir uma atitude de viva e deixe viver, partindo do princípio sensato de que sempre que as coisas dão errado em qualquer sociedade onde os judeus são

minoria, são estes que acabam levando a culpa. Então, para que criar inimizados? Desgraçadamente, a tolerância judia nunca chegou realmente a incluir o homossexualismo, essa abominação permanente. Perseguir as bichas sempre esteve na moda entre os jornalistas americanos judeus: atitude que é ao mesmo tempo uma forma encoberta de oposição aos não-judeus.

Dezoito anos atrás o ocupado jornalista Alfred Kazin apre-
gou que, para um escritor, o homossexualismo era o fim da
linha. Aparentemente, as bichas eram incapazes de produzir
boa literatura. Hoje em dia ele já não tem tanta certeza disso.
Num artigo recente em *Esquire*, Kazin aceitou o gênio de Ger-
trude Stein, mas não conseguiu resistir à tentação de fazer tro-
ça de seu lesbianismo; também considerou necessário infor-
mar-nos que ela era "gorda, esquisita", enquanto sua amante
Alice B. Toklas era igualmente feia. Embora Kazin consiga
aceitar — com dificuldade — o gênio de um eventual escritor
homossexual, detesta o que ele chama de "turma gay". Fica de-
solido porque o "homossexualismo está sendo politizado e está
se tornando um fato social e uma forma de pressão social. Será
que a crescente impaciência de todos os setores com a família, a
mais antiga instituição humana, explica o crescimento disse-
minado do homossexualismo e seu surgimento, em meio a tanta
ansiedade com a superpopulação?" Esta é uma daquelas con-
fusas questões retóricas cuja resposta supostamente está implí-
cita no tom polêmico.

Na realidade, não existe isso que se chamaría uma pessoa
homossexual, assim como não existe isso que se chamaría uma
pessoa heterossexual. As palavras são adjetivos que descrevem
atos sexuais, não pessoas. Esses atos sexuais são perfeitamente
naturais; se não fossem, ninguém os executaria. Mas como o ju-
daismo proíbe o que é abominável, a ira irracional que Kazin e
sua turma sentem em relação aos homossexuais detonou uma
ira oposta. Hoje em dia os militantes gay afirmam que existe
algo chamado sensibilidade gay, sintoma externo e visível de

um novo tipo de ser humano. É assim que a loucura engendra a loucura.

Muitas vezes pensei que a razão pela qual ninguém, até hoje, foi capaz de achear uma boa palavra para descrever os homossexuais (às vezes conhecidos como *gays*, bichas, veados, etc.) é que isso não existe. A raça humana está dividida em machos e fêmeas. Muitos seres humanos gostam de ter relações sexuais com seu próprio sexo; muitos não gostam; muitos gostam dos dois. Essa pluralidade é intrínseca a nossa natureza e não vale a pena se preocupar com ela.

Hoje em dia os americanos estão num estado de histeria terminal com a questão do sexo em geral e do homossexualismo em particular, porque os donos do país (escorados numa religião que astutamente adaptaram a seus próprios fins) vêem a família como o último meio de que dispõem para controlar os que trabalham e consomem. Durante dois milênios, as mulheres foram tratadas como escravas, enquanto o homossexualismo foi transformado num crime, um vício, uma doença.

Em *O Banquete*, Platão definiu o problema: "Na Jônia e em outros lugares, e geralmente em países sujeitos pelos bárbaros (Platão está se referindo aos persas, que eram os senhores dos judeus na época em que o Levítico foi escrito), o hábito (o homossexualismo) é considerado desonroso; os amores dos jovens partilham a má reputação em que são mantidas a filosofia e a ginástica, porque são inimigos da tirania; os interesses dos senhores exigem que seus súditos sejam pobres de espírito e que não haja fortes laços de amizade ou sociedade entre eles, que o amor, acima de todos os outros motivos, tende a inspirar, como nossos tiranos atenienses aprenderam através da experiência; pois o amor de Aristogitão e a constância de Harmódio tinham uma força que desfez seu poder". A última parte refere-se a um par de amantes que ajudaram a derrubar os tiranos de Atenas.

A isso, nossos judeus americanos responderiam: que mais se poderia esperar de um grego não-circuncidado? Enquanto

nossos cristãos americanos nos lembrariam das cartas cáusticas que São Paulo escreveu aos residentes de Corinto e Atenas. Embora a intenção dos fundadores de nossa nação fosse o Estado ser inteiramente secular em suas leis e instituições, na realidade nossas leis são uma miscelânea de superstições judaico-cristãs. Nunca deveríamos nos surpreender com a veemência intolerante de nossos cristãos fundamentalistas. Afinal de contas, foram eles que começaram o país, e o fanático do século XVII Cotton Mather é mais fundamental para suas crenças do que o liberal do século XVIII George Mason, que criou a Carta de Direitos. Mas é estranho ver os judeus fazendo causa comum com os fanáticos cristãos.

Ainda estou para ler algo escrito por um cristão com QI acima de 95 que seja tão virulento quanto a declaração do jornalista Joseph Epstein (na revista *Harper's*): "Se eu tivesse o poder de fazer isso, gostaria que o homossexualismo desaparecesse da face deste mundo. Eu o faria porque acho que causa infinitamente mais sofrimento do que prazer àqueles que são forçados a conviver com ele" etc. Não há dúvida de que Epstein deve se dar conta de que se a palavra judaísmo substituisse a palavra homossexualismo, a maioria dos cristãos americanos estaria de pleno acordo. Nenhum judeu jamais deveria mencionar a extinção de qualquer minoria da "face deste mundo". É uma grosseria. Além disso, é uma imprudência numa sociedade dominada por cristófilos, onde um *program* nunca deixa de ser uma possibilidade.

Num número recente de *Partisan Review*, o que imagino seja um hotel nas montanhas Catskill chamado Hilton Kramer deseja saber por que os intelectuais nova-iorquinos não estão oferecendo à cultura nacional nada "na linha de conhecimento sobre casamento e família, por exemplo? São só críticas, e freqüentemente críticas depravadas, às lealdades mais elementares da vida familiar?".

O cara está preocupado porque para a nação como um todo o mundo intelectual nova-iorquino está representado nas

páginas de *The New York Review of Books* "por pessoas como Gore Vidal e Garry Wills". Suponho que o hotel tenha restrições a Wills e a mim porque não somos judeus. Ái o cara se dedica a me caracterizar como "fazendo proselitismo a favor dos prazeres da sodomia". Nem é preciso dizer que nunca fiz uma coisa dessas, mas sou capaz de perceber como, para uma cara supersticioso e mal resolvido, qualquer pessoa que tenha se esforçado para tirar as relações sexuais consentâneas dos livros da lei (e da política) tem que ser, automaticamente, um representante de vendas de vícios abomináveis, assim como um destruidor da família e um comedor de moluscos.

Por fim, temos os profundos pensamentos de Norman Podhoretz — o mais desorientado de todos —, editor de *Commentary*, uma revista subsidiada pelo Congresso Judeu Americano. Nos anos 60, Podhoretz escreveu um celebrado artigo onde confessava não gostar de negros. Agora, na década de 70, desconfiou que também não gosta de bichas — por razões geopolíticas, mais do que por razões rabínicas.

No artigo intitulado "The Culture of Appeasement" (A Cultura da Pacificação) (também no *Harper's*), Podhoretz nos conta que a aventura do Vietnã teve mau efeito sobre os americanos porque agora, aparentemente, não gostamos mais de nenhuma guerra. Claro, "A idéia da guerra nunca foi tão natural nem tão atraente para os americanos quanto costumava ser para os ingleses, os alemães ou os franceses". É óbvio que Podhoretz conhece muito mal a história americana. Ainda no tempo de Theodore Roosevelt, a guerra era aclamada como a mais alta de todas as atividades humanas. Tristemente, Podhoretz compara os Estados Unidos deste ano com a Inglaterra dos anos 30, quando, garante-nos ele, um poderoso movimento homossexual transformou a Inglaterra num país pacifista porque as bichas não queriam que rapazes bonitos (será que os feios também?) morressem nas trincheiras.

Além do fato de que entre os que gostam de guerra há um número igual de homossexuais e de heterossexuais (cardeal

Spelman, senador Joe McCarthy, general Walker), o argumento não faz sentido. Quando os ingleses ficaram prontos para enfrentar Hitler, enfrentaram. Quanto ao Vietnã, se alguma coisa aprendemos dessa derrota tão longe de nossa terra, foi que não temos direito de intervir militarmente nos assuntos de outra nação.

Mas Podhoretz não está agindo desinteressadamente. Enquanto propagandista de Israel, teme que uns Estados Unidos acovardados fossem capazes algum dia de se recusar a ir para a guerra para proteger Israel de seus numerosos inimigos. Embora em minha opinião ele não tenha por que se preocupar tanto, não serve em nada a sua causa atribuir o suposto pacifismo de nosso país a uma conspiração homossexual. Afinal de contas, esse é o tipo de raciocínio louco que inspirou Hitler a matar não só 6 milhões de judeus como também 600 mil homossexuais.

No final da década de 60 e no início da de 70, os adversários da Emenda dos Direitos Iguais partiram para acusar o movimento de lésbico. Todos os tipos de grupos militantes de direita entraram em cena desde aquele momento: a Ku Klux Klan, a sociedade John Birch, o Comitê para a Sobrevivência de um Congresso Livre, Eagle Forum de Phyllis Schlafly, The Conservative Caucus, e dúzias de outros grupos com esse tipo de mentalidade. Seu objetivo é negar direitos iguais às mulheres através de uma tática de amedrontamento. Se a emenda for aprovada, eles nos estão advertindo que as lésbicas poderão casar-se umas com as outras, o estupro será coisa corriqueira, os homens vão usar roupa de mulher... Esses absurdos têm sido notavelmente eficientes.

Mas, ao mesmo tempo, como disse com encantadora sinceridade Howard Phillips, do The Conservative Caucus, a *The New Republic*: "Estamos indo atrás das pessoas devido a seus botões quentes". No ano passado, verificou-se que os dois botões quentes eram sexuais: ERA (Emendas dos Direitos Iguais)

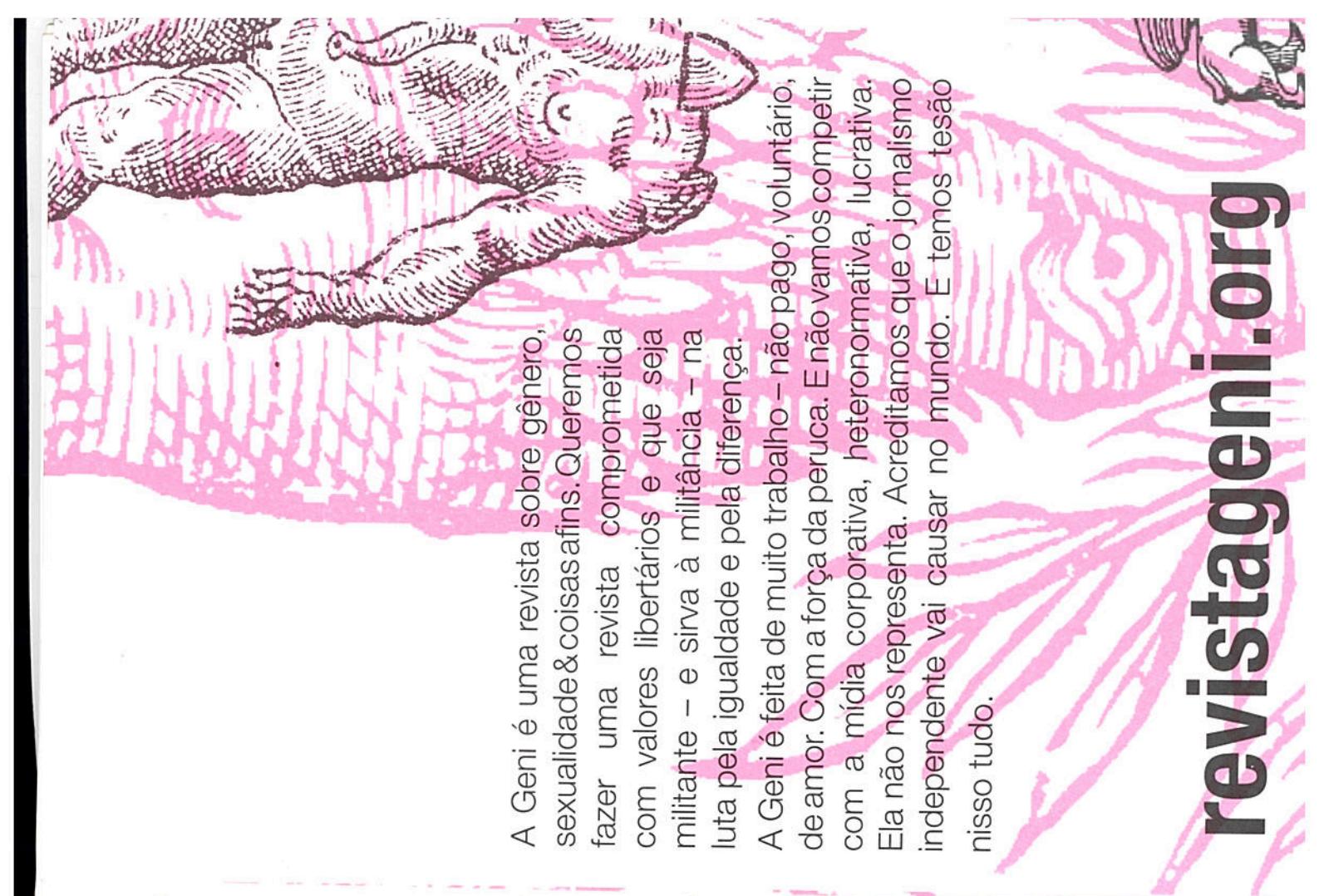
e a legislação dos direitos gay. Ou: "Salvem a Família" e "Salvem as Nossas Crianças".

Em outro ponto das regiões áridas da nação, um certo Richard Viguerie é hoje o primeiro dos levantadores de fundos para os poderes das trevas. Em 1977, Viguerie contou ao *Congressional Quarterly*: "Estou pronto a me comprometer para conseguir o poder. Menos de 50% das pessoas partilham de meu ponto de vista, e estou disposto a fazer concessões para chegar ao poder". Distingue-se nessas palavras uma tonalidade conhecida que lembra Nuremberg.

Airma-se que Viguerie tem pelo menos 10 milhões de nomes e endereços arquivados. Manda correspondência e levanta grandes somas de todos os tipos de candidatos e organizações de extrema direita. Mas Viguerie não é apenas empenhado. Também é ideólogo. "Consegui milhões de dólares para o movimento conservador ao longo dos anos, e não estou satisfeito com os resultados. Resolvi preocupa-me mais com a maneira como é gasto o dinheiro." Agora ele está começando a discutir a criação de um novo partido político.

Entre os grupos para e com os quais Viguerie trabalha está o dos Proprietários de Armas da América. Também trabalha em estreita associação com Phyllis Schlafly, que é do tempo de Joe McCarthy e Barry Goldwater; atualmente, está liderando a luta contra a ERA. Outro cliente de Viguerie é o senador pelo Utah, Orrin Hatch, um homem orgulhoso e ignorante freqüentemente mencionado como possível candidato caso a extrema direita resolva formar um novo partido político.

Viguerie prometeu que "a comunidade conservadora organizada irá reunir muitas vezes mais do que 3 milhões (sic) ... Quero um assalto maciço ao Congresso em 1978. Não quero esforços simbólicos. Já temos o talento e os recursos para enfrentar um movimento audaz, maciço. Acho que podemos enfrentar o Congresso em 1978 de um modo nunca antes concebido". "Enfrentar o Congresso." Isso está com jeito de revolução. Seja como for, vai ser interessante observar se o Congresso será



ou não esmagado em novembro; observar se essas crianças serão salvas ou não; observar se todas as pessoas que pensam corretamente vão ou não jurar fidelidade à família ameaçada.*

Playboy, janeiro de 1979

A Geni é uma revista sobre gênero, sexualidade & coisas afins. Queremos fazer uma revista comprometida com valores libertários e que seja militante – e sirva à militância – na luta pela igualdade e pela diferença.

A Geni é feita de muito trabalho – não pago, voluntário, de amor. Com a força da perúca. E não vamos competir com a mídia corporativa, heteronormativa, lucrativa. Ela não nos representa. Acreditamos que o jornalismo independente vai causar no mundo. E temos teseão nisso tudo.

(*) Mr. Viguier esteve fora de cena durante dois anos. Somente em 1980 ele conseguiu o tipo de presidente e de Senado que queria. Enquanto isso, está havendo uma reação em relação a ele. Esperam-no tempos animados.